

# Documentos

*Documentos*



# A aldeia Takuara

Antônio Brand

Os Kaiowá e Guarani, localizados na região sul do Estado de Mato Grosso do Sul, passaram nas últimas décadas por um amplo processo de confinamento em oito áreas demarcadas, para seu usufruto, pelo Serviço de Proteção aos Índios (SPI) entre os anos de 1915 e 1928. Os moradores de inúmeras aldeias, que perderam suas terras no decorrer desse processo, buscam hoje recuperá-las. Um desses casos é o da aldeia Takuara, localizada no município de Juti, MS. Seus moradores relatam detalhes da aldeia e de sua destruição quando foram expulsos do local, em 1953. Segundo eles, localizava-se essa aldeia entre os rios São Domingos e Takuara (ver mapa), próximo da estrada velha da Cia. Matte Larangeira<sup>1</sup>, onde hoje se localiza a fazenda Brasília do Sul. Segundo os informantes indígenas, a população desta aldeia era de aproximadamente 80 famílias nucleares. Devido às pressões dos pretensos proprietários da área e do SPI, parte dessa população já teria se dispersado em 1951. Permaneceram, no entanto, no local, após essa primeira dispersão, 25 famílias nucleares. Essas, segundo o relato dos informantes indígenas, teriam sido expulsas de forma violenta, em 1953, por iniciativa da Cia Matte Larangeira, com apoio do funcionário do SPI, lotado na reserva de Caarapó<sup>2</sup>, Sr. Pantaleon Barbosa. Hoje, parte das famílias retornou à aldeia Takuara, na expectativa de que esta seja demarcada como terra indígena. Outros seguem nas reservas indígenas de Caarapó, Dourados e Amambaí.

Abaixo transcrevemos passagens de alguns documentos arquivados no Museu do Índio, no Rio de Janeiro e que confirmam a presença histórica dos índios nessa área e, a seguir, depoimentos de representantes indígenas que viviam na aldeia Takuara.

Doutor em História.  
Coordenador do Programa  
Kaiowá/Guarani - NEPI/  
UCDB.

<sup>1</sup> A Cia Matte Larangeira (ou simplesmente Companhia ou Companhia Matte, na expressão dos índios), instala-se no território ocupado pelos Kaiowá e Guarani, em Mato Grosso do Sul, após a Guerra do Paraguai, tendo em vista a exploração dos ervais nativos, abundantes na região.

<sup>2</sup> Utiliza-se o termo reserva para designar as oito extensões de terra demarcadas pelo SPI até 1928. Essas reservas constituíram-se em áreas de confinamento da população indígena retirada de suas aldeias historicamente ocupadas. Os representantes indígenas, em suas falas, utilizam, no entanto, o termo aldeia ou *tekoha* para designar, também, as áreas reservadas pelos SPI.

Microfilme Centro de  
Documentação Etnológica  
do Museu do Índio. Rolo  
010, 1º lote.

Posto Indígena Francisco Horta [Dourados]  
18 de janeiro de 1952  
Ilmo Sr. Senhor Erico Sampaio  
Campo Grande, MT

... chegaram hoje a este posto 4 índios do Taquara que diz ser uma aldeia com mais de 50 anos, e a Companhia [Matte Larangeira] mandou eles desocupar esta área de terra, que é para vender para uns paulistas, os índios trouxeram relação das casas de índios moradores que são 43 casas, eles ficaram neste posto aguardando resposta.

Saudações

Alaor F. Duarte  
Agente do Posto Indígena

5ª Inspetoria Regional - SPI  
Protocolo n° 49  
24.01.1952

Microfilme Centro de  
Documentação Etnológica  
do Museu do Índio. Rolo  
010, 1º lote.

---

M/m n° 16  
Posto Indígena Francisco Horta  
Em 1 de abril de 1953  
Sr. Chefe da IR 5  
Campo Grande, MT

Com o presente estou remetendo uma carta ao Sub-delegado da Vila Juty a respeito dos índios do aldeamento do Taquara, que fica além do P. I. José Bonifácio umas 15 léguas, em 18 de janeiro de 1952, eu escrevi ao sr. Erico Sampaio a respeito destes índios, onde tive resposta pelo M/m n° 85 de 6-2-52. O aldeamento de Taquara é habitado por homem 39, Mulheres 33, Crianças 33 num total de 105 almas.

Saudações

Alaor F. Duarte  
Agente do Posto

5ª Inspetoria Regional - SPI  
Protocolo n° 295  
10.04.1953

*Sub-delegado de Polícia em Vila Juti, Distrito de Juti*  
*Município e Comarca de Dourados*  
*Ilmo Sr. Diretor do Posto Indígena Francisco Horta – Dourados*

Microfilme Centro de Documentação Etnológica do Museu do Índio. Rolo 010, 1º lote. Documento não datado, mas localizado entre aqueles expedidos entre março e abril de 1953.

*Com esta apresento o índio Horácio Fernandes, capitão do posto indígena Taquara, distrito de Juti, afim do mesmo verificar com V. S<sup>a</sup> em que situação acha-se o dito posto, por motivos que os índios desejam trabalhar em agricultura, até a presente data nada plantado eles têm, de receio da Cia Matte Laranjeira S./A. Assim que peço a V. S<sup>a</sup>. informar corretamente se eles tem direito ou não, para governo dos próprios e como das autoridades. Se V. S<sup>a</sup> achar fundamento no caso pode declarar ao portador, si por ventura for ao contrario ele recorrerá os canais da lei. O portador pessoalmente vai lhe pedir força e ferramenta para os indígenas trabalharem.*

*Atenciosamente*

*Manoel Gomes Nogueira*  
*Sub-delegado da Polícia Interina*

Depoimento de João Aquino, Capitão de Takuara, entre os anos de 1942 e 1952. Reside hoje na Reserva Indígena de Amambai.

Entrevista realizada em 25 de março de 1995.

\*Jarará e Kurupi são aldeias das quais os índios também foram expulsos, sendo que já retornaram para a primeira.

Eu tô trabalhando na Companhia Matte Larangeira. Trabalhava de marilheiro e conhecia toda... Iguatemy, Laranja'i, Amambai, Rio Pardo... Então aquela época eu tava no Takuara. Tomava na minha mão pra mim cuidar 3 aldeias: Takuara, Jarará e Kurupi\*. Antigamente ali não tinha recurso ainda. Só tinha moradores. Era tekoha antigo mesmo. Porque a Companhia, quando tava trabalhando de erva, de erva mate, já tava o índio lá, morava. Já era aldeia mesmo. Então capitão morreu, morreu e ficou José Gonçalves, capitão. Era índio Takuara. Também tomava conta ali no Jarará e Kurupi Depois eu entrei capitão, em 1942. É José Gonçalves primeiro e depois eu. Mas eu já tava aí, morando aí. Depois morreu, fiquei eu, depois eu, trabalhava dez anos capitão. Mas tudo, cada mês eu ia visitar cada aldeia, que acontecia, que aconteceu... Mas o recurso não tinha nada. Mas antigamente só caçando no mato, mariscando e caçando. Assim para comer carne, mas carne não faltava. Carne tem muito no mato. Carne do mato né? Então se manteve a patriciada, assim se manteve. Trabalhava um pouco, plantava um pouco, mas pra vender não vende. Só prá comer. Só que tinha... em 1942. Mas em 1955 já vem, tomava..., branco já entrava e está empurrando, está empurrando o índio. Comprava a terra assim. Então já falou: aqui eu comprei, você tem que ir mais pra lá. Aí, o índio saía daí, mudava outro aí. Vai indo assim. Como se vai alcançar tudo aqui e comprando, como é, mandando um no outro, fazendeiro. E assim que foi. Vendeu, vendeu... Ah! o governo vendeu, né! Depois esta. Agora já não tem mais aldeia. Era aldeia, né! O Takuara assim que foi que terminou. A Companhia disse, a Companhia Matte, mas foi, eu já não tava mais. Já estava em Dourados. Então o capitão ali estava José Horácio. Está em Caarapó ainda. Não sei se está vivo ainda. É ele capitão, agora, acompanhou. O pessoal da Companhia Matte foi lá falar com o capitão, porque aqui é da Companhia Matte. Não sei que tem que ir morar lá em aldeia mesmo, lá em [Reserva de] Caarapó. Assim vai indo. Ele apertou muito. Então pegou o dinheirinho o capitão e arrumou pra este conseguir o carro pra levar. Então o pessoal obrigadamente foi. Obrigou foi a Companhia Matte e obrigou também o diretor que tá no Caarapó\*\*. E levou tudo para lá. Então ficou, eu soube assim, então o governo que tomou aquela aldeia, não deixa morar ninguém. Depois de três anos vai procurar o dono mesmo. Mas o índio é burro mesmo, não procurou. Eu também estava em Dourados, depois de inteirar três anos, o fazendeiro ocupou aquela terra, o Takuara, né! E até agora está lá. Mas era aldeia, aldeia mesmo. Vem mais para Caarapó. Kurupi vem também ali, mas agora já vem aqui também, Amambai, a família, mas muitos, também, decerto já morreu de lá. Tinha ainda casa grande, mas o resto já faz assim casa pequeninha e outra assim.

\*\*Refere-se ao senhor Pantaleão Barbosa, funcionário do SPI, lotado na Reserva Indígena de Caarapó.

...O que aconteceu lá na aldeia de Takuara, naquela antigamente, que eu tinha mais ou menos oito anos. Que foi despejo que tava junto, lá, o funcionário do SPI de nome Barbosa. Quando nós fomo passear na casa do meu tio, o Ramão Cavalheiro e foi meus irmão, avisaram meu pai, que tinha chegado uma pessoa lá em casa. Quando nós vinha vindo de lá encontramos no matinho, já ia indo, o Barbosa e mais três pessoas, junto com ele. Bom, aí o finado meu pai mandou eu voltá e avisá o finado meu tio, mas o meu tio Ramão já tinha corrido pro mato com medo, prá não pegá ele, né. Bom, aí, quando nós voltamo, meu pai falou: você vai lá em casa que eu vou lá atrás dele. Quando nós foi lá, ele chegou lá, já não tinha mais ninguém. Ele já queimou a casa do finado meu tio. E naquela época já era de tarde, quando nós chegamo em casa, nossa traia estava toda amontoada já prá levar prá fazenda do Barbosa. Chegemo lá, pousamo, naquela noite choveu, e naquela noite nós pousamo que nem junto com os porco, lá no paiol. No outro dia cedo carregou as traia no caminhão e todas as família, que nós tava, meus irmão, minhas irmã, meu tio, minha cunhada, meu cunhado, vieram no caminhão, prá aldeia de Caarapó. E o finado meu pai e minha mãe, nós viemo a cavalo. Conduzimo a cavalo até aqui na aldeia de Caarapó. Porque, se nós não saísse de lá, ele prometeu que ia matá nós tudo como igual um leitãozinho novo. Tinha bastante gente. Tinha uma base de 360 pessoa. Tinha muita gente.

[Perguntado sobre quem ameaçava matá-los] É, esse o Alfredo, que fala, um homem gordo. Que a fazenda era dele. O dono da fazenda! Esses, esses, onde nós mora, só Takuara. Morava na aldeia Takuara. E nós chegou nesse ponto que ficou muita roça. E muitas taperas queimaram e nós saímo que nem igual, todo mundo, porque aquele que não queria vim prá aldeia [de Caarapó], eles correram pro mato. Mais aquele que achou na casa trouxeram... caminhão, prá trazer pro outro dia para ás aldeia e aí me queimou a casa. Naquela época eu tinha uns oito anos. Que eu lembro como hoje que foi que aconteceu. Nós viemo aqui na aldeia aqui, nós até paramo ali na sede numa casa velha ali, tinha bastante... Nós ficamo ali... Moramo acho que uns três meses lá. De lá, nós mudamo lá prá divisa, da divisa nós voltamo de novo prá aldeia [Takuara]. Prá lá só que já... mais não ficamo mais lá. Já ficamo em frente lá, na aldeia... E nós fomo lá, até era prá nós entrá de novo lá, mais o finado meu pai falou: ...nós temo bastante traia, nós não adianta entrá mais lá, que se entrá perigoso matá nós. Aí um fazendeiro arrumou uma terra prá nós morar lá, lá nós ficamo muito tempo. [Retirados da aldeia Takuara e querendo permanecer em área próxima, estabeleceram-se na fazenda Lechuza.] ...O dono chamava Fausto Cardoso. Duzentos alqueires era a fazenda que ele tinha. Hoje já acabou, tá muito dividido tudo prá família dele que ele morreu, faleceu... Lá, nós moramo, nós voltamo prá essa fazenda aí, só voltamo só nós mesmo, com meu pai, a família, com os irmão tudo e meu cunhado... Mais ou menos nós tava, entre ali, quer dizer, meu pai, minha mãe, tudo, nós tava em seis pessoa. Mais tem a família do meu cunhado também. Mais tem uns cinco pessoa. Dentro da casa... Onze pessoas que nós voltamo lá. Agora, o maior parte esparramou prá fazendas, outros vieram aqui prá aldeia,

Depoimento de Feliciano  
Gonçalves, filho de José  
Gonçalves, que foi capitão  
em Takuara. Após a  
expulsão da aldeia, residiu  
na Reserva de Caarapó até  
falecer em 2000, com 56  
anos.  
Entrevista realizada em 27  
de abril de 1995.

que trouxeram. Aquele que não veio, queimou a casa dele... Não receberam nada, nada. Ajuda, nada, nada. Por isso que nós voltamo de novo lá prá aldeia [Takuara] porque não recebemo ajuda de nada. Porque naquela época era coisa, estava ruim mesmo aqui na aldeia [Caarapó], próprio aqui na aldeia. Nós não recebemo ajuda em nada. O que nós trouxemo no caminhão, nossa traia, terminamo, tudo que os porco que nós tinha, terminamo tudo, galinha, e nós voltamo lá, era prá nós ficá, onde era nossa casa mesmo, que tinha muita lá, tinha milho, tinha feijão, naquele tempo não era esse feijão desse de arrancá, era feijão desse de vara, né. E tinha canavial, nós tinha batatal, tinha tudo. Mais até, até o finado meu pai falou, mais puxa vida nós depois que nós estamo bem, agora nós expulsamo nós que nem bicho de lá de nossas aldeias. E nós saímo de lá, e não é só nós não, é muitas pessoas que saiu, tinha muita lavoura naquele lugar. Não era só nós não.

[Perguntado sobre as justificativas do representante do SPI, senhor Pantaleon, para efetuar a sua retirada da aldeia Takuara] Quando chegou lá ele falou pro finado meu pai, falou assim: olha, nós viemo aqui levar vocês. Nós viemo aqui prá nós ir lá prá aldeia de Tey Kue\*. Aí o finado meu pai não falou nada. Tá tudo bem, nós temo, nós vamo, não tem problema. Falou, agora nós vamo ajuntá, aquele que não vai, que correu, falou vamo queimá a casa e começou a queimá mesmo a casa.

###

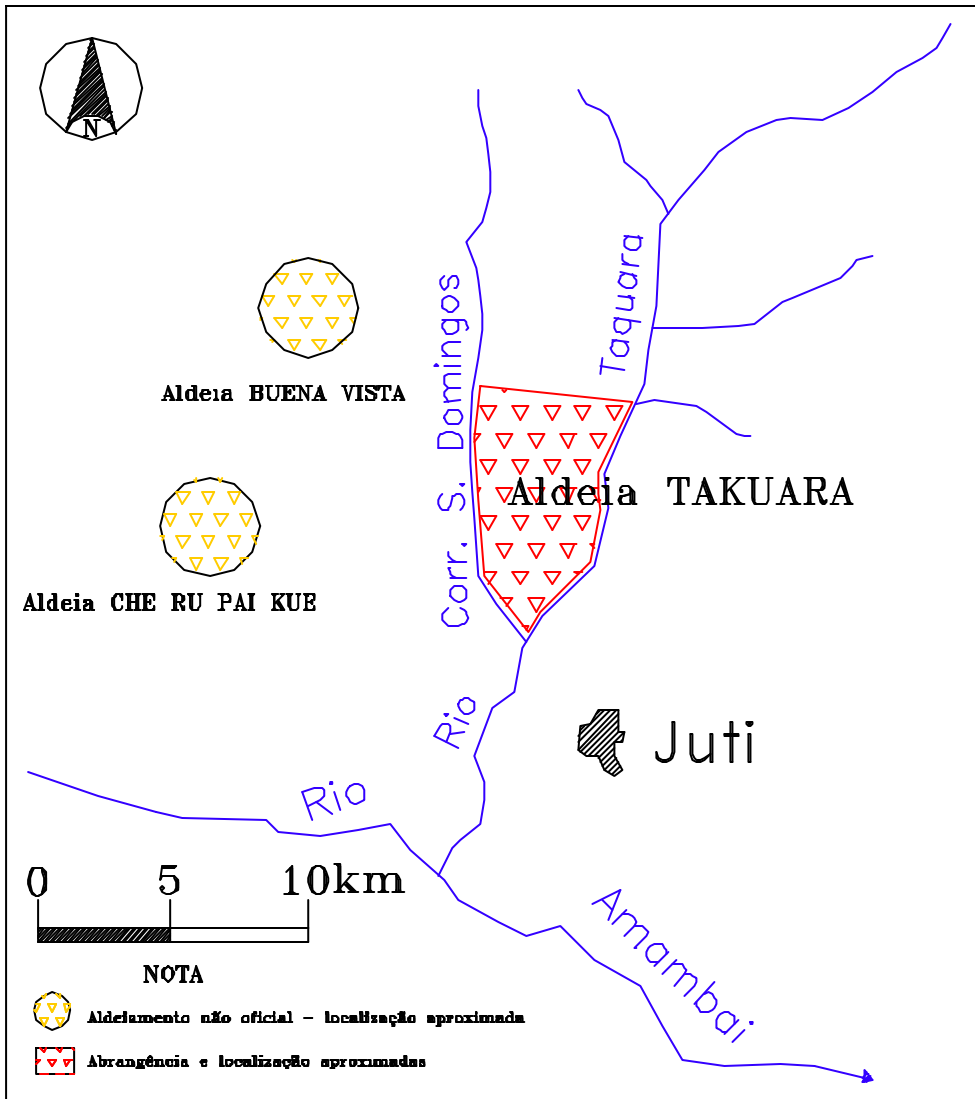
...Nóis morava pra baixo mais na beira do rio Takuara memo... Tem uma capoeira bem grande, nós amontoava tudo ali. Quase um mil pessoa que morava no tempo, né... Nele que o Zacarias foi pegaram a turma pra trazê tudo aí. Aí, juntaram tudo o patriciado, o administrador aqui na fazenda e já encontraram aí, e colocaram o fogo pra queimá casa. Queimô tudo, queimô galinha, porco, queimô tudo. Pegô só a roupa e trouxe. Tudo era mato, perobal, cheio de bicho. Donde de que nós morava ali tinha uma capoeira bem grande mais ou menos, 15, 20 alqueire, aí nós se amontoava ali, e nós fiquemo ali. Tem muito que morava ali na beira do Takuara que nasceu ali no Santa Luzia\*, então ele pulô pro Takuara e ficô ali. O patricio chegava ali combinava, aí mudô. E aí passô ali onde tava o outro patricio. Então o finado Zacarias foi buscá, aí puxa tudo pra cá e depois dali já nunca mais o patricio entra lá. Ficô só o finado o pai do Feliciano, parô ali, ficô uma semana e depois achô que o homem vai ali pra aí na tapera do patriciado. Então ele saiu na fazenda e ficô ali... Eu saí de lá menino. Eu tinha 18 ano... Dali eu fui trabaiá ali no Porto Epitácio, dali bem ali na fazenda do seu... Barbosa.

Expressão também utilizada pelos índios para denominar a Reserva de Caarapó.

Depoimento de Ricardo Villhalva, antigo morador da aldeia Takuara, hoje residindo na Reserva de Caarapó. Entrevista gravada em 4 de março de 2003.

\*Santa Luzia corresponde a atual cidade de Juti, sede do município no qual se localiza a aldeia Takuara.





Elaboração: SMANIOTTO, C.R ago 2003



